

ADOLESCÊNCIA À LUZ DA PSICANÁLISE E DA LITERATURA POR MEIO DA ESCRITA DE DIÁRIOS.

Rosilene Felix Mamedes (UFPB)¹
Hermano de França Rodrigues (UFPB)²

Resumo:

Este trabalho é fruto da pesquisa do doutorado que tem como objetivo investigar a escrita de diários de adolescente à luz das teorias da literatura e a da psicanálise. Para isso, aqui, apresentaremos um reconto do nosso trabalho, ainda em fase embrionária, para mostrar a possibilidade de trabalhar o diário pessoal como uma literatura intimista que subjaz o inconsciente e as marcas psicanalíticas de adolescentes em seus registros.

Palavras-chave: Adolescência. Literatura. Psicanálise. Diário Pessoal.


Literatura e psicanálise: continuidade e descontinuidade na adolescência

Paralelamente ao crescimento das ciências, e, juntamente com as contribuições para a humanidade, eis que começaremos a discutir o impacto da Literatura, não apenas como arte, mas como esta representa o reflexo do cotidiano humano. É por ela que conseguimos descrever não apenas o tempo sincrônico mas, também o diacrônico de uma dada sociedade ou ciência. A Literatura se constitui de diversas formas, ora singularizada pelas belezas das suas construções e métricas, ora pluralizada representando as “formais plurais” de um povo, raça, gênero, ou simplesmente, na simplicidade da construção do repente popular ou do cordel. Em todas as suas formas a Literatura, por verossimilhança, representa o seu povo, sendo representação da realidade, seja real ou fictícia, além de ser:

[...] por ela que tomamos consciência de nossa humanidade, que pensa, que fala. Pois a língua que se aprende nas relações quotidianas com os pais e amigos só serve para agir: perguntar, responder, para viver. Em suma, só com alguma coisa como literatura (mesmo que tenha sido oral nas eras e civilizações sem escrita) que o homem se interroga sobre si mesmo, sobre seu destino cósmico, sua história, seu funcionamento social e mental. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.12)

¹ Graduada em Letras, mestre em Linguística e doutoranda PPGL/UFPB.

² Orientador do PPGL-UFPB.




Dessa forma, a Literatura é uma das formas de se representar e de se retratar não apenas uma sociedade, mas o homem em sua mais genuína essência. Assim, ao tentar desconstruir o conceito da estranheza dos formalistas russos, BELLEMIN-NOEL (2003, p. 13) tenta conceituar a Literatura como “escrita imaginativa” de caráter fictício, não sendo “literalmente verídica”. Assim, buscando definir Literatura, Bellemin-Noel se questiona a despeito da distinção entre fato e ficção, uma vez que “a própria definição é muitas vezes questionáveis”. Em outras palavras, conceituar a Literatura não é uma das tarefas das mais fáceis, pois se “a Literatura inclui muito da escrita factual, também exclui uma boa margem de ficção” (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 02).

Ademais,

Se o sentido excede o texto, existe falta de consciência em alguma parte. O fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência, ou de inconsciente. A tarefa que desde sempre a crítica literária se atribuiu consiste em revelar esta falta ou este excesso. Em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las até confundí-las. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.13)

Concordamos com o autor que todo texto é inacabado, é dialético com o meio que ele foi escrito, e, sobretudo, com a consciência e a inconsciência, com o dito e o que não foi dito. Em Literatura nem tudo que foi dito é essencialmente verdade, e nem tão pouco apenas fictício, há uma constante interação entre o sujeito, seu consciente e inconsciente. Por este motivo, é frutífero buscar a compreensão humana a partir de suas marcas textuais, investigando como os sujeitos se colocam em determinados textos, especialmente, em textos que são caracterizados pela subjetividade e marcas pessoais que subjaz as impressões deixadas em suas escritas, como por exemplo: cartas pessoais, diários pessoais, autobiografias e etc. Nesses textos, podemos abstrair situações pessoais que demarcam as sensações e subjetividades humanas a partir da óptica do eu que escreve, como ele pensa o seu cotidiano, suas frustrações, suas inquietudes, seus anseios, e por que não dizer seus amores? Neste sentido,

A doutrina psicanalítica apresenta-se de maneira quase análoga: um aparelho de conceitos que constroem o psiquismo profundo, e modelos de decifração. Se o corpo dos textos e o instrumental teórico




pertencem a ordens diferentes da realidade (um material contra instrumentos de investigação), é preciso não perder de vista que a visão do mundo das belas-letas e a marcação dos efeitos do inconsciente funcionam do mesmo modo: são duas espécies de interpretação, maneiras de ler, digamos leituras. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 13)

O adolescente como sujeito psicanalítico se insere em um contexto social recheado de situações adversas, marcado pela sua própria essência humana que rompe com um mundo infantil e passa abruptamente por mudanças físicas e psíquicas. É nesse momento, que o adolescente, muitas vezes, contra a sua própria vontade, rompe com o estado de dependência da infância e passa a assumir posturas ditadas socialmente que o obrigam a ter padrões físicos e sociais que, quase sempre, vão de encontro a sua psique ou biótipo. Na busca desse protótipo do ser ideal, esse sujeito tão antagônico busca se inserir em grupos sociais sejam eles por universos estigmatizados de padrões de belezas, referências musicais, ou até mesmo pressão familiar para a escolha da carreira acadêmica que deverá seguir após o ensino médio. Como se enquadrar ou se reconhecer nesse novo universo? De que forma este adolescente pode encontrar o seu eu ou até mesmo se reconhecer como sujeito social, sim, mas também individual, mas, sobretudo, dono dos seus desejos e de suas escolhas?

Assim,

(...) se impulsos cheios de desejo forem reprimidos, sua libido se transformará em ansiedade. E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido (FREUD [1913- 1914], p.47/48).

Nessa citação de Freud imprime muito sobre o ser-adolescente, uma vez que por essência, essa fase é constituída de inquietações, oscilações e impulsos. Como não compreender essas vontades e desejos a partir das relações dos signos/significantes (conceitos de Bakhtin e Lacan), uma vez que o eu-adolescente reflete em seu comportamento suas histórias e vivências? Além da dialética social coloca o adolescente, como ser oriundo do meio, mas que devido às suas condições psicossociais acaba agindo a partir de suas inquietações e, principalmente dos impulsos. Assim, segundo Blos (1998, p. 102)



Tanto o menino como a menina como a menina voltam-se agora, com maior vigor, para o objeto extrafamiliar libidinoso, isto é, o processo genuíno de separação dos laços objetais maduras. O caráter marcante da adolescência inicial está na decaetexia dos objetos amorosos e incestuosos; assim, a libido objetual que está solta, livre, clama por novas acomodações.

Embora a nomenclatura catexia tenha sido utilizada por Freud em 1913, já havia referência em suas obras sob a nomenclatura de “suprido de energia”, “carregado de uma soma de excitação”³. Assim, neste momento suprime no adolescente os desejos amorosos e incestuosos, passando, assim, a acomodar essas vontades em outros desejos. Dessa forma, como tudo que é novo é perturbador, esses desejos chegam aos adolescentes como pulsões. Em outras palavras, o superego “entidade controladora cujas funções são inibir e regular a auto-estima, diminuir de eficiência, deixando o ego sem orientações simples e permanentes da consciência.” (BLOSS, 1998, p. 102).


Como a supremacia do ego sobre o superego, a autoridade deste sobre aquele torna-se inferiorizada, conseqüentemente, afeta “seus esforços próprios para mediar as pulsões” (*Idem*). Com o afastamento dos pais, os conflitos edipianos e a “decaetexia abrange também suas representações objetais e seus equivalentes morais internalizados, que residem no superego.” (*Idem*)

Para Bloss (1998, p. 103),

Nessa idade, os valores, padrões e leis morais adquirem apreciável independência com relação à autoridade dos pais, tornaram-se egossintônicos e operam em parte dentro do ego. Não obstante, na adolescência inicial o autocontrole ameaça entrar em colapso e, em casos extremos ocorre a delinquência.

Dito de outra maneira, o ser-adolescente é banhado por situações de continuidade e descontinuidade que marcam esta fase de transformações em diferentes estágios humanos. É nesse momento, que o comportamento e as pulsões afloram com mais efemeridade e, paradoxalmente, com mais força. As relações com a família recaem para um segundo patamar na escala de prioridade, pois já houve ou está havendo as

³ O conceito de decaetexia faz menção ao conceito freudiano em que a catexia é a concentração de energia psíquica de um dado objeto.



rupturas edipianas. Cabe salientar que segundo Blos (1998, p. 103) “algumas crianças não sentem nenhum conflito em relação aos pais; reprimiram a pulsão sexual, ou essa pulsão é baixa, e, portanto, o ego tem a capacidade de dominá-la.”


Além do caráter da sexualidade está mais aflorada, essas pulsões também são direcionadas para o Outro, idealizado, quase sempre para o/ a menino (a) na figura de um (a) amigo (a), com “significações e importância até então desconhecida”. É importante salientar que as escolhas objetal para esta fase, tem como exemplo, o parâmetro narcisista. A figura do amigo é idealizada, de forma que o adolescente passa a desejar certas qualidades identificadas no amigo, e que ele não possui. Para ele, a qualidade desejada pelo seu eu-adolescente passa a ser de sua propriedade, já que é do seu amigo.

Na adolescência propriamente dita essa busca da de relações objetais assume novos aspectos, diferentes dos que predominaram nas fases da pré-adolescência e adolescência inicial. O encontro de objeto heterossexual, possibilitado pelo abandono das posições narcísica e bissexual, caracteriza o desenvolvimento psicológico da adolescência propriamente dita. Mais precisamente, devemos falar de uma afirmação gradual da pulsão sexual adequada, que entra em ascendência e faz com que a ansiedade conflitual cada vez mais pressione o ego. (BLOS, 1998, p. 118)

Neste sentido, percebemos a clara continuidade do comportamento do adolescente e, como ele vai se adaptando às novas situações e sensações. “Para Freud, a pulsão sexual, diferente do instinto sexual, não se reduz às simples atividades sexuais que costumam ser repertoriadas com seus objetivos e seus objetos, mas é um impulso do qual a libido constitui a energia”. (ROUDINESCO, 1944, p. 629)

Assim, reagimos e agimos por pulsões, e de forma contínua exploramos novos desejos e reconhecimentos por meio da satisfação, para Freud:

O caráter sexual das pulsões parciais, cuja soma constitui a base da sexualidade infantil, define-se, num primeiro momento, por um processo de apoio* em outras atividades somáticas, ligadas a determinadas zonas do corpo, as quais, dessa maneira, adquirem o estatuto de zonas erógenas. Assim, a satisfação da necessidade de nutrição, obtida através do sugar, é uma fonte de prazer, e os lábios se transformam numa zona erógena, origem de uma pulsão parcial. (ROUDINESCO, 1944, p 629)




Embora sejam evidentes as novas descobertas e a fase de intensos conflitos, para o adolescente o novo é assustador, pois além dele lidar com as suas pulsões, entendido, aqui como impulsos, situações internas do seu ser, é preciso conviver com a gama de imposições sociais que vão desde à sua sexualidade até o consumismo, o que é dito como moral e amoral. Portanto, como não pensar este adolescente a partir das suas escolhas? Dos seus vínculos de afetos? Da sua maneira de se comportar na sociedade?

Ser adolescente, hoje, significa possuir determinado estereótipo ditado socialmente, seja por valores ou por comportamentos de determinados grupos sociais. Há na atualidade um engessamento moldado por rótulos sociais que direcionam os sujeitos a fazerem as suas escolhas. Essas situações acabam refletindo no comportamento da sociedade como um todo, e, principalmente nos adolescentes por eles serem alvo fácil para uma sociedade consumista. Assim, consumir os bens de consumo impostos por marcas conhecidas, ter o corte de cabelo ou a cor da moda, significa, muitas vezes ser aceitos no grupo desejado. A partir disso, como dizer que o adolescente é dono de suas vontades e desejos? Como não concordar que o inconsciente está imerso inconscientemente aos ditames dessas vontades? Como o adolescente se reconhecer de forma singular pode meio de um mundo tão plural?

Como afirma Adorno (1955, p.181):

(...) em uma sociedade irracional o eu não pode cumprir adequadamente a função que lhe foi designada por essa mesma sociedade. Necessariamente recaem sobre o eu tarefas psíquicas que não podem se unir com a concepção psicanalítica de eu. Para poder se afirmar na sociedade, o eu tem que reconhecer e desempenhar conscientemente suas funções. Para que o indivíduo leve a cabo suas renúncias tão insensatas que lhe são impostas, entretanto, o eu tem que estabelecer proibições inconscientes e, mais ainda, manter-se ele mesmo na inconsciência. (...) Na medida em que tem que representar tanto as necessidades libidinosas como as de autoconservação real, impossíveis de se unir com elas, está submetido iniludivelmente a uma exigência excessiva.

É em meio a todas essas inquietações e pulsões que os adolescentes estão imersos que encontramos os maiores dilemas e desafios tanto para as escolas, como para as famílias, tendo em vista que a cada tempo que passa as relações entre filhos/pais e escola / família se complexificam e ao mesmo tempo, se tornam mais urgentes de serem



discutidas em debates sociais. Temos na verdade, um adolescente que enfrenta além de antagonismos psicossociais, da sua própria genética, um ser que é obrigado a lidar com situações adversas às suas vontades e controle, sendo muitas vezes reprimido com imposição de padrões de cunhos sexuais, culturais ou até mesmo em suas ideologias religiosas. Ser adolescente não é uma tarefa das mais fáceis, pois além de lidar com os demônios interiores é preciso lidar com a obrigatoriedade de (re) significar as suas escolhas e colocar muitas vezes em cheque os seus desejos por meio das imposições e ditames sociais.


(Re) significando o eu-adolescente por meio do gênero diário

No princípio, o homem buscou a comunicação por meio de desenhos em cavernas, por meio da representação de desenho que refletisse o seu meio social. Neste período, a escrita teve como função comunicar-se através de registros, nos quais fossem possíveis transmitirem algo para outras pessoas. Nesta fase inicial dos registros, não havia uma linearidade, por este motivo, não é considerado como escrita, uma vez que não há uma sequência lógica gráfica.

Com o surgimento da escrita houve um avanço significativo nas relações humanas, e, uma vez que é a partir dela temos uma ferramenta importante para a memória humana, posto que ainda em sua fase inicial, a finalidade maior da escrita era para auxiliar o comércio nos acordos financeiros. Com o tempo, mais uma vez essa finalidade passou a ser ampliada para registros em diferentes situações e finalidades. Com este advento tornou-se possível ultrapassar limites históricos e geográficos e levar informações para diferentes povos em diferentes tempos. Assim, se temos a escrita de um lado, temos a sociedade de outro, e em meio as duas, temos alguns agentes que influenciam o processo da escrita. De um lado, temos o sujeito repleto de desejos e vontades que busca em palavras uma forma para expressar o seu eu. De outro lado temos a palavra que é “preche de respostas”⁴, e de sentidos plurais que se expressa pela singularidade da escrita uma forma multifacetada de se expor.

São nesta discussão que alicerçamos as nossas inquietações, já que para se compreender a sociedade, temos que remetermos a teóricos, que ousaram escrever e


⁴ BAKHTIN, Marxismo e Filosofia da Linguagem (2006).



teorizar sobre um dado assunto, aqui, nos restringiremos a abordar a Psicanálise como ciência e a Literatura como arte que busca na escrita a forma de retratar as suas inquietudes que imprimem com palavras sensações e emoções como formar de retratar características humanas e sociais. Para isso, falar em escrita, é falar em autor, leitor e situações comunicativas. Para colaborar com a discussão sobre a produção textual e o diário pessoal como gênero textual híbrido retomaremos a teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos que coloca o texto como enunciado discursivo reflexo do social, sendo cada vez menos propícia à individualidade da linguagem, com exceção do gênero do discurso que exige uma forma padronizada em muitas modalidades, como, por exemplo, os documentos oficiais de ordem militares. O autor ainda acrescenta que os sinais individuais não fazem parte do plano discursivo “os enunciados e seus tipos são, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. (BAKHTIN, 2006, p. 268).

Falar em gênero textual, remete-nos a uma discussão que coloca o texto, como produto social a partir de diferentes esferas discursivas. Falar em esferas discursivas, por sua vez, nos remete a diferentes situações comunicativas que estipulam as especificidades de cada texto. Por um lado, um sujeito que precisa se expressar, de outro lado um texto que precisa seguir os moldes padronizado pela situação comunicava. Assim, quando um sujeito escolhe um determinado gênero, ele precisa se adequar às formas adequadas para esta produção tanto no universo intratextual, de ordem microtextual, como no universo macrotextual, entendido, aqui, como todas as características alheias ao aspecto textual que interfere em sua produção.

Em outras palavras, assim, como a linguagem é dialética o texto, que também é uma forma de linguagem, em sua mais ampla significação, seja ele oral ou escrito também os são. Ademais, assim, como foi no início da escrita há uma evolução contínua das formas de produções textuais, que acompanham o avanço social, bem como as tecnologias e a evolução humana. Dessa forma, desde o início das discussões sobre os gêneros textuais, em Bakhtin, na obra *Estética da Criação Verbal* (2006), os gêneros textuais foram divididos em primários e secundários, a partir desse debate, muito já se estudou e muitas discussões foram travadas em torno dessa temática. Para Bakhtin os gêneros “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominam gêneros discursivos” (2006, p. 262). Neste sentido, pensar no diário




peçoal, é pensar em esferas discursivas que envolvam enunciados tecidos por uma teia dialógica que perpassam as linhas escritas na relação íntima existente entre o ser que escreve, e o ser que está transfigurado por meio de diversos discursos ali impresso.

Mesmo assim, muito ainda há para se discutir, pois há uma infinidade de gêneros já determinados, e muitos outros que se criam devido às necessidades sociais. Como os gêneros são reflexo do social e das necessidades que a sociedade demanda há muitos gêneros primários ou não que se mesclam e formam novos gêneros textuais, criando assim gêneros híbridos. Como exemplo dessa evolução, podemos citar a carta pessoal que evolui para o e-mail, mantendo características do seu gênero primário. Embora haja uma gama de exemplos de gêneros textuais, iremos nos deter a abordar o diário pessoal e suas características. Embora ele esteja atualmente em desuso, tivemos um grande uso dele há décadas atrás, e, sobretudo, a importância do seu uso na fase da adolescência, que em muitas fases da história era oprimida pelas imposições dos pais ou da própria sociedade. Neste momento histórico o uso do diário era utilizado como confidante, era nele que as meninas, especialmente, colocavam suas descobertas, suas paixões, seus medos e desejos mais profundos. Por este motivo, escolhemos este gênero para nos ajudar a decifrar a fase da adolescência, entendendo-o como gênero híbrido e literário, que passou historicamente por diferentes evoluções históricas, mas que guarda em suas páginas a chave para abrir o inconsciente dos adolescentes, por meio da continuidade e da descontinuidade do comportamento humano.

Em outras palavras,

Literatura e psicanálise "lêem" o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico. Elas se assemelham mais profundamente por excluírem qualquer metalinguagem: não há diferença entre o discurso que se faz sobre elas e os discursos que as constituem. (BELLEMIN-NOEL, p.13)

Por compreendermos a importância da escolha do gênero para a compreensão dos sujeitos é que optamos pelas análises a partir dos diários pessoais dos adolescentes. Entendemos que é nesse gênero textual que encontraremos a maior urgência humana, que é a necessidade da comunicação, de se expressar, de falar, mesmo que seja em




nosso silêncio em nossos monólogos mentais, estamos o tempo todo nos expressando e nos comunicando.

A literariedade (a defamiliarização) não resulta da utilização de elementos linguísticos próprios, mas de uma organização de elementos linguísticos próprios, mas de uma organização diferente (por exemplo, mais densa, mais coerente, mais complexa) dos mesmos materiais linguísticos cotidianos. (COMPAGNON, 2001, p. 42)

É assim com o diário, o sujeito quando escreve ele está exteriorizando os seus monólogos por meio da escrita, e no seu diário, seu melhor e maior confidente irão guardar seus segredos impúblicáveis, aqueles que subjazem do seu inconsciente. Assim, segundo Compagnon (2001) o que define um texto literário não é o contexto de origem desse texto, mas o uso que sociedade faz dele, separando-o de seu contexto de origem. Na origem do diário pessoal, tínhamos a necessidade de contar seus segredos para “alguém” que manteria total sigilo. Nele, seus relatos eram privados, para conhecimento apenas do sujeito que escrevia. Com o avanço social e tecnológico o diário que antes era apenas privado, passou por uma evolução, e o que antes era privado, na atualidade, houve uma evolução, e o que antes era privado passou a ser de caráter público expostos na internet, pelos blogs. Dito de outra maneira, estes gêneros que se mesclam e se cruzam marcam uma dialética discursiva, responsiva com formas plurais para se caracterizar o quanto esferas discursivas.

O gesto da escritura refaz o trajeto do desejo entre sua ausência e o discurso verbal em que se registram suas figurações através de imagens e depois por palavras – bem entendido, com a condição de que eu se trate de uma escritura livre, de uma escritura solta, “de ficção, portanto, governada pelo desejo”. (BELLEMIN-NOEL, p 48)

Assim, agregar a psicanálise com a literatura nos possibilita pensar o eu, não apenas como sujeito agente e dono do seu dizer, como afirmam os estudiosos da linguagem, teremos a oportunidade, sobretudo, de investigar o sujeito psicanalítico sob à luz de Freud desvendado os sonhos, os desejos e sobretudo o inconsciente desse eu, pelos efeitos de sentidos que ele exprime nas palavras dos diários. Um eu que perpassa as linhas escritas e adentra o eu do inconsciente que aflora a partir da escrita e de suas marcas. Essas associações “seguem o sonho: não seria legítimo pensar que pelo menos, uma parte dela pode proceder à formulação de um texto?”



Sim, claro que sim, pois um texto parte do diálogo entre o autor e o que ele exprime seja dito em palavras orais ou escritas, ou seja, até mesmo no que ele não verbaliza, mas há um sentido coeso e coerente. O conceito de texto para muitos autores está atrelado à codificação alfabética, porém sabemos que esta noção já foi sobreposta pela Linguística, sobretudo pela teoria dos gêneros discursivos, em que veicula o conceito de texto as diferentes esferas discursivas, na qual o autor segue uma estrutura fixa textual, adequando a linguagem ao que a esfera discursiva e o gênero textual propõem. Dessa forma, o sujeito quando escreve, ele se coloca no texto, deixando suas marcas psicanalíticas a partir de sua subjetivada. Dito de outra maneira, a escrita vista por este prisma nos possibilita compreender o diário, como uma escrita intimista, por vezes fictícias, pois nem sempre os adolescentes escrevem a partir dos registros reais, dessa forma, podemos considerar que o diário pessoal, faz parte de uma literatura intimista a partir das narrativas registradas de forma confessional e/ou intimista.

Conclusão

Dessa forma, pensar na escrita de um diário por um adolescente, é refletirmos muito além do que o que o próprio diário e suas linhas podem nos oferecer. Muito embora já tenhamos dito que o diário agrega valores pessoais, e traz em si uma relação próxima com o seu “dono”, ele nos proporciona a possibilidade de pensarmos sob a óptica do diário como gênero híbrido (estrutural) e, nos eleva a possibilidade de refletirmos sobre a condição desse eu-psicanalítico a partir de conceitos e noções freudiana, mas sobretudo pensar esse eu a partir das suas impressões e marcas de subjetividade. E ainda, repensar a respeito da idealização dos desejos dos adolescentes, que muito embora estejam registrados, no universo adolescente essa idealização, nem sempre se concretiza, e o que há muitas vezes são devaneios de um eu-lírico descobrindo as nuances da vida fora do subjugo dos seus pais. Ali naquelas linhas é o local onde este adolescente pode expressar-se com liberdade, sem a ojeriza e as cobranças do Outro, que se mostra alheio aos seus gritos e impulsos. A sua voz impressa naquelas linhas “é delegada, torna-se efetiva, gratificante, uma vez refletida pelo Outro (e aí, encontramos sem dúvida o ideal do *ego*)”. (BELLEMIN-NOEL, p. 43).

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978. BLOS, Peter. O ego na adolescência. In: *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*/Peter Blos; tradução de Waltensir Dutra; Revisão Monica Stahel.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria – Literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

CORDEIRO, Ewerton Fernandes. **O inconsciente em Freud**. In: Portal da Psicologia. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>

CROCHIK, J. L. (1997). Preconceito, Indivíduo e Cultura. São Paulo: Robe Editorial.

CROCHIK, J. L. (1998). Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia. In: *Psicologia USP*, 9(2), p.69-86.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é Literatura? In: *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria (1983-1985)**. São Paulo, Companhia da Letras, 2010.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1091-1905)**. São Paulo, Companhia da Letras, 2010.

J ... o. Nasio, **A histeria : teoria e clínica psicanalítica**. Tradução, Vera Ribeiro. -Rio de Janeiro: Jorge Zahar. ed. 1991

LACAN, J. (1946 / 1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1944 — R765d *Dicionário de psicanálise*/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.